

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO EM IMPERATRIZ/MA

Juliana Ferreira de Sousa¹
John Jamerson da Silva Brito²

RESUMO

No contexto da formação docente existem diversas interpretações sobre a funcionalidade e organização do processo de estágio, uma delas configura o estágio somente como um lugar de ofício para aprender a prática do mesmo e exercer uma profissão. E outra percepção evidencia o estágio como uma síntese de tudo que se aprende nas disciplinas, nas teorias de aprendizagem, como também nas experiências de vida. Devido a essa variedade de concepções sobre o estágio, as experiências dos (as) graduandos (as) vão se modificar conforme o modelo de estágio adotado pelas instituições de ensino. A partir dessa reflexão este trabalho tem como objetivo compreender a categoria estágio através das minhas experiências de Estágio Supervisionado na Escola Municipal Renato Cortez Moreira localizado na cidade de Imperatriz/MA. Através dessas experiências e pelas leituras bibliográficas de Fonseca (1997) e Pimenta (1991 e 2005), é possível afirmar que o momento de estágio não pode se resumir a uma aplicação de modelos escolares, mas sim, como mais uma etapa de aprendizagem.

Palavras-chave: Estágio, Formação docente, Aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estágio é uma etapa de extrema importância em todos os cursos de graduação, pois contribui para a formação mais completa dos profissionais. Existem dois tipos de estágios, o Curricular (onde o estágio faz parte da grande curricular do aluno) e o Profissional (que não faz parte do componente curricular do graduando e consiste em uma atividade remunerada realizada por um recém-graduado). Diferentemente dos outros profissionais que cumprem esses dois tipos de estágios, como por exemplo, os médicos, os profissionais da educação no Brasil sempre cumpriram e cumprem apenas o estágio curricular.

O parecer número 21, de 2001, do Conselho Nacional de Educação, define o Estágio Curricular como:

Por outro lado, é preciso considerar um outro componente curricular obrigatório integrado à proposta pedagógica: **estágio curricular supervisionado de ensino** entendido como o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio curricular

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (CCSST/Imperatriz), ferreira.julina.sd@gmail.com;

²Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (CCSST/Imperatriz), jamersonbritobr@gmail.com;

supervisionado supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário. Por isso é que este momento se chama estágio curricular *supervisionado*. (BRASIL, 2001)

Os processos formativos de profissionais da educação costumam estar ligados a ideia do estágio como uma efetivação daquilo que se apreendeu nas disciplinas ministradas em sala de aula, ou seja, apenas a aplicação de modelos de ensino. Mas essa prática deve ser extinta, segundo Pimenta (2005) os profissionais da educação estão em constante processo formativo, inclusive no momento de estágio, pois é uma disciplina assim como as outras, que não deve se restringe somente a prática do que foi ensinado na Universidade, mas é momento de aprendizagem desse profissional através da técnica de reflexão-ação-reflexão, onde esse profissional deve aprender estratégias para que ocorra o processo de aprendizagem dos alunos. Nem uma turma é igual à outra e nem os alunos aprendem da mesma forma, então a aplicação de modelos é algo bem distante da realidade escolar.

Portanto, não se deve colocar o estágio como o ‘pólo prático’ do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será conseqüentemente à teoria estudada no curso, que, por sua vez, deverá se constituir numa reflexão *sobre* e a *partir* da realidade da escola pública de 1ª a 4ª série. É preciso que se assuma que a atividade ocorrerá, efetivamente, no momento em que o aluno for professor, na prática. Ou seja, um curso não é *prática docente*, mas é teoria sobre a prática docente e será tão mais formador à medida que as disciplinas todas tiverem como ponto de partida a realidade escolar brasileira. (PIMENTA, 2005, p. 14)

Como a autora aborda é preciso fazer um processo de desvinculação do estágio como um “pólo prático” que é frequente em quase todas as Universidades e cursos de formação de professores. Os alunos, estagiários e até os docentes, acabam associando o estágio a essa prática de efetivação do que foi ensinado nas disciplinas, e não pensam no estágio como uma unidade entre teoria e prática.

Por meio dessa análise este trabalho tem como objetivo compreender a categoria estágio através das minhas experiências de Estágio Supervisionado na Escola Municipal Renato Cortez Moreira. Em um primeiro momento evidenciando os caminhos que levam a realização deste trabalho, logo depois destacando as novas descobertas que o estágio proporciona. Como também, as estratégias que são utilizadas nesse percurso e as aprendizagens que essa vivência trouxe para minha formação. E por fim traz as considerações finais acerca de todo esse processo.

O PERCURSO METODOLÓGICO

Esse trabalho é resultado da disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório do Ensino Fundamental Regular (Etapa II e III) do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Iniciada a partir de uma revisão bibliográfica sobre autores que discutem a categoria estágio como Fonseca (1997), Pimenta (1991) e (2005). Logo depois ocorrem as visitas à escola para acordar com a direção a realização do estágio na instituição por meio de todos os trâmites burocráticos que UFMA exige. Feito essa parte burocrática foi dado início a minha imersão na realidade da escola, pois comecei a frequentar as aulas de história e geografia, somente observando e auxiliando as professoras quando elas solicitavam. A fase de observação foi guiada por um diário de campo, para Macedo (2010, p. 134) o diário de campo é um instrumento de reflexão:

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista.

Após essa fase de observação veio à fase da regência, onde assumi as turmas de 6º ao 9º ano nas disciplinas de história e geografia. Todas essas etapas foram importantes para a construção de conhecimentos sobre a realidade escolar e da relevância do estágio para a formação docente.

O ESTÁGIO E AS NOVAS DESCOBERTAS;

O estágio foi realizado na Escola Municipal Renato Cortez Moreira é uma escola pública da rede básica de educação. Localizada na Rua Simplício Moreira, nº 815, Centro, Imperatriz/MA. Há um histórico de mudanças do espaço físico da escola, ela chegou a funcionar em várias localidades, como na Rua Sousa Lima, nº150, mas após um alagamento nesse endereço que destruiu boa parte dos pertences da escola, ela teve que se deslocar para outro prédio, estabelecimento esse em que a escola se encontra atualmente. E esse espaço se trata de uma casa que foi adaptada para ser escola, desde sua fundação a escola sempre funcionou em prédios alugados pelo município. A escola atende os alunos que se encontram no centro da cidade, em bairros próximos ao Centro, como também alunos da zona rural.

A escola funciona em dois turnos diários, nos anos iniciais do ensino fundamental (de 1º ao 5º ano) turno matutino, nos horários de 07h: 15min às 11h: 45min. E nos anos finais do ensino fundamental (de 6º ao 9º ano) turno vespertino, funcionando das 13h: 15min às 17h45min. A escola não funciona no horário noturno. Segundo os dados do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) a escola atende em média de 237 alunos nos dois turnos disponíveis.

O início do estágio foi feito através da observação e logo depois pela regência em sala de aula nas disciplinas de história e geografia, duas professoras são responsáveis por essas disciplinas e ajudaram a construir todo esse processo de aprendizagem no estágio. Pois a realidade das escolas públicas são infelizmente desanimadora, por isso é impossível ter somente um momento de prática daquilo que foi ensinado na Universidade dentro do cotidiano escolar, pois é preciso apreender, reinventar e adequar.

A escola não possui condições favoráveis e nem subsídios para o desenvolvimento das atividades básicas e cotidianas de uma escola. Não tem salas de aula adequadas, nem quantidade de livros suficientes para os alunos, as salas de aulas são pequenas e quentes. Em meio a essas condições ao longo do período de estágio procurei trabalhar os conteúdos de história e geografia através do único recurso didático cedido pela escola, o livro didático.

Com apenas esse recurso disponível a solução mais cabível foi à exploração máxima dessa ferramenta. As aulas eram sempre de exposição oral, sempre muito reflexivas no sentido de que se faziam sempre perguntas constantes para os alunos, tanto na aula de história, como também, na aula de geografia sobre os conteúdos trabalhados. Outra estratégia adotada por mim foi o uso do quadro negro para um maior envolvimento dos alunos nos conteúdos trabalhados, essa estratégia funcionou bastante nas aulas de geografia do 6º ano, onde nós estávamos desenvolvendo sobre a temática de “Relevo Terrestre”, pedi que os alunos fossem ao quadro desenhar tipos de relevos, os relevos das cidades grandes, do interior, as montanhas e esse método funcionou também no assunto seguinte “As águas do planeta”. Outra turma que se identificou com a proposta foi 8º ano que foi ao quadro para escrever as principais características da “Revolução Francesa” e continuaram se envolvendo na dinâmica nos assuntos subsequentes.

Para além dos conteúdos que o livro didático de história ou de geografia apresentam eu levava outras informações de leituras feitas por mim. E a partir dessas informações extras se abriam parênteses nas aulas que me levavam para outros temas, contribuindo assim para esclarecimentos e novas aprendizagens dos alunos, e esses parênteses eram comuns nas

turmas de 7º e 9º ano, onde os alunos eram mais questionadores e sempre estavam atentos a esses novos assuntos.

Em meio a todas as problemáticas em relação recursos didáticos e outras questões que a escola enfrenta e que aqui já foram apresentadas. Tive o mínimo de suporte no que diz respeito a recurso didático para desenvolver minhas atividades. Procurei outras vias para solucionar esse problema, mas não tive retorno da escola, então utilizei durante o estágio de história e geografia os seguintes recursos didáticos: Quadro negro, pincel e livro didático.

ESTRATÉGIAS E APRENDIZAGENS;

A atividade docente é essencialmente ligada ao ensino-aprendizagem que está associado ao conhecimento do docente a respeito dos conteúdos e do exercício da didática para organizar todo o processo de aprendizagem, essa combinação (conteúdo-didática) faz com que ocorra o ensino-aprendizagem dos alunos. E esse processo é extremamente complexo, pois para que todo esse procedimento ocorra é preciso que se tenha o conhecimento mínimo do aluno e da realidade do mesmo.

Em meio a tantas dificuldades apresentadas anteriormente sobre os recursos didáticos disponíveis na escola, outra problemática acaba surgindo em meio à solução. Pois o único meio de ferramenta que é o livro didático, acaba atrapalhando a aprendizagem, porque ele não está relacionado à realidade dos alunos e se tratando de disciplinas de história e geografia que necessita dessa comparação mais próxima a realidade, o livro acaba confundido os alunos. Então o professor deve aprender mais sobre o contexto social, espacial e histórico para adaptar o conteúdo do livro com a realidade dos alunos.

Mas para além dessa percepção que deve se ter do alunado é importante também estabelecer finalidades para que se tenha o processo de ensino-aprendizagem. Outro importante item para construir com mais eficiência essa processualidade é a realização de intervenção na sala de aula, na escola, ou até na comunidade escolar. Mesmo que seja complicado ou até inviável desenvolver qualquer tipo de intervenção nas escolas, principalmente nas escolas públicas é preciso que os professores e estagiários desenvolvam projetos de intervenção para que o ciclo (conhecimento da realidade dos alunos, definir finalidades e intervenção) possa ser realizado e o ensino-aprendizagem ocorra de fato nas escolas.

Ao longo do estágio desenvolvi algumas atividades. No período de observação essas atividades se resumiam em analisar as turmas, auxiliar as professoras (acompanhar os alunos

em algumas atividades, esclarecimentos de algumas dúvidas dos alunos e etc.), planejar as semanas seguintes no que diz respeito à fase de regência, no que seriam trabalhados nas turmas, conteúdos, formas de avaliação, como deveria ser feito os planos de aula e de como seria a aplicação desses conteúdos, quais as melhores formas de estreitamento entre a realidade dos alunos e os conteúdos a serem trabalhados. Esses planejamentos foram voltados tanto para disciplina de geografia, como também, na disciplina de história.

Outra atividade desenvolvida no período de estágio foi o projeto de intervenção intitulado como “O Sul do Maranhão e suas Particularidades Históricas e Geográficas”, que visou desenvolver sobre as particularidades históricas e geográficas no Sul do Maranhão através de uma visita em um museu que trata da história dos povos Timbiras, que através da sua cultura material demonstra muito sobre as particularidades do Sul do Maranhão.

Essa atividade foi aplicada somente no 9^a ano, por motivos de logística, pois a escola não tem transporte e nem poderia solicitar, a estratégia foi recorrer a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que poderia ceder uma van e esse transporte só poderia ser solicitado uma única vez, impossibilitando assim a participação de todas as turmas na atividade. O conteúdo da turma do 9^o ano de história estava tratando da globalização e as mudanças na sociedade e o de geografia tratavam sobre as individualidades de alguns países como Japão e Índia. A partir disso foi desenvolvido o projeto juntamente com as professoras para que os alunos pudessem entender mais sobre essas temáticas a partir da sua própria realidade. Como por exemplo, os impactos da globalização no Sul do Maranhão, o que ela modificou na vida dos povos Timbiras e quais eram e quais são as particularidades do Sul do Maranhão e em que os povos Timbiras influenciaram, pois é inviável conhecer as particularidades de outros países e continentes e não conhecer a própria realidade do seu estado e região.

A compreensão desses aspectos históricos e geográficos a partir da própria realidade dos alunos foi possível a partir dessa visita que os alunos fizeram ao museu da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) no Centro de Pesquisa em Arqueologia e História Timbira (CPAHT), os alunos foram recebidos pela equipe do museu que dividiram a turma do 9^o ano em duas equipes para acompanhar a apresentação do museu. Enquanto a primeira turma estava na apresentação à outra estava conhecendo as dependências da universidade acompanhadas pela bolsista do museu.

A visita ao museu foi de extrema importância para os alunos, pois eles puderam compreender os assuntos trabalhados nas disciplinas de história e geografia a partir da sua realidade e por meio da história dos Timbiras que contribuíram para o enriquecimento da cultura material da nossa região.

Todo esse processo foi de extrema importância para minha formação, pois me fez criar estratégias que pudessem aproximar os alunos da sua própria história e particularidades geográficas. Confirmando assim, as percepções de Pimenta (2005) sobre a funcionalidade do estágio como momento de aprendizagem do estagiário que não vai aplicar modelos de ensino nas escolas, mas vai aprender com a comunidade escolar, professores, gestores e com os alunos diariamente num ato constante de reflexão-ação-reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação dos profissionais da educação (professores, gestores, orientadores e etc.) está sendo construída na maioria dos cursos de graduação com disciplinas curriculares que se restringem muitas vezes ao ambiente acadêmico, porém, essas matérias poderiam ser trabalhadas junto a um campo de pesquisa, onde esse graduando pudesse desde o início do curso ter contato com a realidade das instituições de educação. Mas o fato é que esse contato com a realidade não é realizado processualmente nos cursos, os graduandos só vão ser inseridos na realidade escolar no estágio, pois a maioria desses cursos idealiza as disciplinas como momento preparatório e a etapa de estágio como momento de aplicação do que se aprende nessas disciplinas, ou seja, esses cursos estão sendo reprodutores da técnica de aplicação de modelos nas escolas.

E a consequência dessa despreparação dos graduandos em relação ao contato com as realidades, resultam frustrações nos estagiários em meio às várias problemáticas que existem no ambiente escolar. Elas iniciam logo no momento de acolhimento das coordenações das escolas, pois nem todas elas têm o hábito de trabalhar com estágios, em alguns casos o estagiário chega à escola e diz quer realizar o estágio, mas a escola e a coordenação não sabem como realizar esse procedimento, ou a coordenação realiza o procedimento e o professor não aceita participar do processo de estágio, são inúmeras as problemáticas só nesse processo de escolha da escola. E a existência desse problema de vínculo entre os estagiários e as escolas, pode se dar pela ausência das universidades nas escolas, entendendo esses como campos de pesquisa.

Logo após a saga de se encontrar uma escola disponível para a realização do estágio, inicia-se a fase de ambientação/observação na escola e nas aulas, esse momento é de extrema importância para se compreender o cotidiano de uma escola pública. E nessa ambientação/observação é mais simples listar os pontos negativos do que os positivos, a escola é precária desde suas instalações físicas até os aspectos pedagógicos.

Infelizmente não é só a estrutura física e a falta de recursos que precarizam o ambiente escolar, os fatores internos da escola também contribuem para essa situação. Pois as escolas ainda mantêm no seu interior atitudes e valores característicos de uma educação ideal, voltada para um modelo de ensino elitista, mas a realidade das escolas públicas brasileiras não é essa e sim de alunos de classes subalternas com realidades familiares e econômicas divergentes.

Esse momento de contato com a realidade nunca será a ocasião de aplicação de modelos escolares ensinados nas universidades, mas sim um espaço de reflexão, significação e aprendizagem para os graduandos. Pois é a etapa de contato com o cotidiano escolar, nunca experienciado antes por muitos alunos de graduação.

Por esse motivo a compreensão que se tem após a experiência como estagiária na Escola Municipal Renato Cortez Moreira é de que o estágio não é momento de aplicação de conteúdos na prática, mas sim um período de experimentação da realidade escolar e de reflexão e análises sobre essas experiências que associadas às teorias vão proporcionar uma formação de um profissional da educação para uma práxis³ profissional e não para a reprodução de modelos escolares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Dá nova redação ao Parecer 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Parecer normativo nº 28 de 02 de Outubro de 2001. Relatores: Carlos Roberto Jamil Curry, Éfrem de Aguiar Maranhã, Raquel Figueredo A. Teixeira e Silke Weber.

FONSECA, S. **Ser professor no Brasil: história oral de vida.** Campinas, SP: Papirus, 1997.

MACEDO, R. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação.** Brasília: Liber Livro, 2010.

PIMENTA, S. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, S. **O pedagogo na escola pública.** Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1991.

³Para MARX, práxis é atitude (teórico-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico), é preciso transformá-lo (práxis) (PIMENTA, 2005, p.89).